

**CAIM E ABEL: DUAS OFERENDAS –
DUAS ATITUDES DE DEUS**
Uma análise narrativa de Gn 4,1-16
em perspectiva cultural

*Jaldemir Vitorio**

Resumo

O foco das leituras de Gn 4,1-16 tem se concentrado na violência e no fratricídio, temas perceptíveis mesmo numa leitura de superfície. Este artigo privilegia a questão cultural, considerando a importância que as oferendas de Caim e de Abel, com as respectivas reações de Deus – aceitação e rejeição –, são um marco na ruptura das relações entre os irmãos. A análise da narração, salientando o enredo, explicita o desenrolar da ação que desemboca no fratricídio e suas consequências, decorrentes da insatisfação de Caim em face à atitude de Deus. O episódio contém elementos importantes para uma reflexão em torno do tema do culto na Bíblia.

Palavras-chave: *Caim. Abel. Análise narrativa. Culto. Fratricídio. Violência.*

Abstract

Studies of Gn 4,1-16 have concentrated on violence and fratricide, obvious themes even from a superficial reading. This article privileges the question of worship. We consider the importance of the two brothers' offerings and the God's different regards on them. A regard of favor or disdain is the framework for the breakdown of the relationship between the two brothers. This analysis of the narrative, highlighting the storyline, clearly sets out the action that finishes in the fratricide as a consequence of Cain's dissatisfaction with God's regard. This incident contains important elements for reflection on the theme of worship in the Bible.

Keywords: *Cain. Abel. Narrative analysis. Worship. Fratricide. Violence.*

* Texto produzido no âmbito do Grupo de Pesquisa *A Bíblia em leitura cristã* (FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, MG).

Introdução

O relato bíblico em torno dos irmãos Caim e Abel, inserido no início da Bíblia, estabelece um marco referencial para o tema da fraternidade e da violência, como primeiro desdobramento do pecado de Adão e Eva, reportado em Gn 3,1-24 (cf. KRAMER; DIAS, 2014, p. 28-63). Entretanto, a leitura de Gn 4,1-16, levada a cabo neste artigo, versará sobre o tema do culto. Afinal, o desejo de vingança surge no coração de Caim no momento em que Deus dá o beneplácito para a oferta de Abel e rejeita a de Caim. O narrador se furta a revelar os motivos da decisão divina, embora lhe tenha dado um lugar de destaque na narração, de modo a suscitar no coração do leitor uma série de perguntas em relação ao porquê da preferência divina e, por consequência, à própria identidade de Deus. Tratar-se-ia de um Deus faccioso que, podendo acolher ambas as ofertas, da mesma maneira, dando-lhes igual valor, preferiu uma e rejeitou a outra? Seria um Deus injusto, a ponto de não reconhecer o esforço e a boa vontade de Caim ao oferecer-lhe o fruto de seu trabalho? Seu comportamento seria o de um Deus enigmático, misterioso, imprevisível e, sobretudo, bizarro, no trato com os seres humanos?

Uma leitura da narração, no viés cultural, mesmo não chegando ao ponto de oferecer uma explicação cabal para a decisão divina, coloca as bases para a compreensão do culto na tradição bíblica. As entrelinhas do texto escondem elementos fundamentais da prática cultural, dentre eles, o mais importante é a relação com o outro (próximo) como requisito para a relação com o Outro (Deus). O culto agradável a Deus exige cuidado com o semelhante. Desinteressar-se pelo outro significa romper com Deus e, por conseguinte, tornar-se inapto para o culto. Na direção contrária, o verdadeiro culto faz a relação com Deus desdobrar-se em atenção amorosa e misericordiosa com o semelhante. Em outras palavras, transforma o adorador em “guarda” do irmão e da irmã, na contramão de Caim.

O percurso narrativo de Gn 4,1-16 é facilmente delineável, conforme o esquema quinário próprio das narrativas: situação inicial, nó, ação transformadora, desenlace, situação final (cf. MARGUERAT; BOURDIN, 2009, p. 58-61). Uma vez percorridos os cinco passos, será possível fazer uma leitura semântica da perícopie bíblica, em busca de lições a respeito do verdadeiro culto, a ser praticado pelos discípulos e pelas discípulas de Jesus de Nazaré.

1. Os limites literários de Gn 4,1-16

O episódio de Caim e Abel está, narrativamente, bem delimitado. Gn 3,24 é uma clara conclusão de Gn 3,1-24, onde se narra o processo de ruptura introduzido pelo desvio de conduta de Adão e Eva ao dar ouvidos à serpente, contrariando a ordem divina que proibia comer “da árvore do conhecimento do bem e do mal” (Gn 2,17). A situação final corresponde à expulsão de Adão e Eva do jardim do Éden, e a colocação de querubins e a chama em forma de espada fulgurante “para

guardarem o caminho da árvore da vida” (Gn 3,24). Trata-se do polo oposto da situação inicial, em que havia comunhão de Adão e Eva com Deus, entre si, consigo mesmos e com as criaturas. Um novo episódio está para começar! E acontece com a declaração de Gn 4,1 – “E Adão conheceu Eva, sua mulher”. Gn 4,1-2 introduz os dois personagens do episódio que está para começar, Caim e Abel, até então não mencionados.

Gn 4,17 corresponde à introdução de um novo episódio. Gn 4,16 refere-se a Caim indo morar “na terra de Nod, a leste de Éden”, tendo o personagem Abel saído de cena. A narração tem sequência com um episódio ligado à descendência de Caim. Aparece, aí, a mulher de Caim (*'ištô*) sem que os episódios anteriores contivessem qualquer indicação da existência de seres humanos, além de Adão, Eva, Caim e Abel. Caim conhece (*yada*) sua mulher, que lhe dá Henoc como filho (Gn 4,17). Trata-se, portanto, de um novo episódio, distinto dos fatos ligados a Caim e Abel.

2. Gn 4,1-2 – Situação inicial

Caim e Abel são filhos de Adão (*'adam*) e Eva (*ḥavah*). Os nomes têm a ver com os respectivos papéis na narração. O nome Caim significa “lança” (cf. HICKS, 1982, p. 482). Entretanto, o narrador relacionou-o com a raiz verbal *qanah* (adquirir, comprar), ao colocar na boca de Eva a exclamação: “Adquiri (*qanîti*) um homem com Deus” (v. 1)¹. “Ela não fez nascer – sair – uma criança humana, ela adquiriu um homem-deus” (BALMARY, 1999, p. 301). Sua mãe “o considera um semideus” (WÉNIN, 2006, p. 47). Havia, pois, entre Caim e Deus, uma relação radical, no sentido de sua existência estar enraizada em Deus². Portanto, esperava-se dele total abertura de confiança em relação àquele de quem proviera. Colocar Deus sob suspeita seria um gesto impensável por parte de quem teve uma origem tão bem identificada. Sua vida deveria ser inteiramente voltada para Deus. Entretanto, os fatos tomarão um rumo bem diferente. Viverá em conflito com Deus, a ponto de o homem-deus, o semideus, se tornar objeto de maldição, por não estar em sintonia com Deus e cair na tentação de agir como Deus – senhor da vida e da morte – em relação ao irmão³.

O nome Abel (*ḥabel*) tem um sentido bem claro. Provém de *ḥebel* que significa vento, sopro, hálito. Sua presença na narração é como um vento. Logo após ser introduzido, sem dizer uma só palavra, é assassinado e sai de cena. Sua figura

1. “Portanto, Caim é situado por sua mãe como algo que lhe faltava, preenchendo um vazio e cumprindo uma função no universo maternal com o qual é identificado por seu próprio nome. Como cessará de ser o que está ali para assegurar a satisfação de sua mãe?” (BEIRNAERT, 1978, p. 211).

2. “Eva desapossa seu parceiro, expelindo-o também de seu lugar de genitor para substituí-lo por Adonai, com quem ela diz ter tido esse filho” (WÉNIN, 2011, p. 131).

3. “No hebraico o verbo *qanah*, ‘adquirir’ não está longe do verbo *qané*, ‘ser ciumento’” (WÉNIN, 2011, p. 132).

é carregada de fraqueza, fragilidade, impotência, debilidade. Assim será sua passagem na narração.

O narrador sublinha a preferência de Eva por Caim, ao relacionar o nome do filho mais velho com a presença de Deus em sua vida (v. 1). Abel recebe um nome tão insignificante que Eva se dispensa de dar-lhe explicação. Caim “tem todo valor, para sua mãe”; Abel “não tem nenhum valor” (BALMARY, 1999, p. 305). O decorrer da ação mostrará Deus optando na contramão de Eva. Mais uma vez, “a mãe de todos os viventes” (Gn 3,20) tomou o caminho contrário ao de Deus, como fizera ao dar ouvido à serpente (Gn 3,1-6). “Tem-se aí uma dupla injustiça de Eva diante de seus filhos: excesso de amor por Caim, falta de consideração por Abel” (WÉNIN, 2011, p. 133). Entretanto, quem fora considerado um “vento fugaz”, afinal, será o preferido de Deus, em detrimento de quem fora adquirido com Deus. O que parece ter sido oferecido a Deus e a Ele pertencer, desde o nascimento – Caim era primogênito e, como tal, era “propriedade” de Deus –, não compreende e não aceita o modo de agir divino.

As atividades profissionais de Caim e de Abel, cada qual com seu pano de fundo social, cultural e religioso, são contrastantes. Abel era pastor de ovelhas (*ro'eh š'on*). Caim, por sua vez, era trabalhador da terra (*'obed 'adamah*). Um era nômade e o outro, sedentário. Cada um tinha a própria imagem de Deus, forjada nas experiências do cotidiano. A um interessava a bênção da fecundidade do rebanho, das pastagens e das águas para alimentá-lo. Ao outro, interessava a fecundidade da terra. As formas de prestar culto, também, variavam.

A diversidade de profissões não favorece a convivência dos irmãos. Aliás, seria difícil a convivência, como o foi atavicamente a convivência entre agricultores e pastores. Ambos estão em constantes conflitos, pois a presença do rebanho de Abel colocava em risco a agricultura de Caim. O rebanho de Abel, com seu respectivo proprietário, deveria ser mantido bem longe da lavoura de Caim. Portanto, eram irmãos com relações problemáticas. Ou nenhuma convivência!

O desafio de ambos consistia em construir fraternidade na diferença de condição sócio-cultural-religiosa. A perícopes insiste no vocábulo “irmão” (*'ahî*), repetido sete vezes. E aponta para o desafio da comunhão com o diferente, o contrastante e o conflitante. Eles deverão encontrar uma forma de viver em fraternidade, por provirem da mesma fonte vital, Eva, “a mãe de todos os viventes” (Gn 3,20). As diferenças exteriores não justificam a desunião e o conflito. Apesar dos pesares, deve haver um caminho de reconciliação, requisito para o culto verdadeiro.

3. Gn 4,3-7 – O nó

A expressão “e aconteceu” (v. 3a – *wayehi*) põe a ação em movimento. “Tempos depois” (v. 3a – *miqes yamim*; literalmente, nos limites dos dias) introduz uma elipse, economia narrativa, que faz passar por alto os fatos ligados à infância

e à educação dos dois irmãos e os apresenta prestando culto a Deus. Caim, por ser agricultor, ofereceu ao Senhor os frutos da terra (*miprî 'adamah*) (v. 3b). O segundo, pela condição de pastor, ofereceu as primogênitais do seu rebanho (*mibekorot šo'ono*) e as gorduras delas (*mehelebehen*) (v. 4a)⁴. Cada qual, a seu modo, no próprio altar e com seus ritos peculiares. Não se pode pensar um altar ao lado do outro, tampouco, perto do outro. O altar ou o local de culto do pastor, de forma alguma, poderia estar nas proximidades do lugar de culto do agricultor. Isto só seria possível caso se pusessem de acordo e escolhessem um terceiro lugar neutro, onde as diferenças fossem superadas. A relação com o mesmo Deus seria capaz de levá-los a ir além das diferenças e encontrar um caminho de diálogo e conciliação?

Teria o substantivo “primogênito” (*bekor*), referido à oferta de Abel, a função narrativa de apontar para a superioridade dessa oferta em relação à de Caim? De Caim, não se diz ter oferecido as primícias dos frutos da terra. Poderia ter sido dito que ofereceu as primícias dos frutos da terra, de modo a criar simetria entre os dois sacrifícios. O leitor pode suspeitar que Caim não se preocupou com a qualidade do que oferecia, numa forma de desinteresse pelo Deus a quem cultuava.

Uma observação do narrador soa surpreendente: “Deus olhou (*ša'ah*) para Abel e sua oferta (*minħato*). Para Caim e sua oferta não olhou” (v. 4b-5a). Em outras palavras, Deus aceitou a oferta de Abel e rejeitou a de Caim. Entretanto, a razão da decisão divina não é revelada. Muitas suposições podem ser levantadas. Em última análise, porém, o leitor se vê diante da ação livre e soberana de Deus, que não deve explicação a nenhum ser humano. Em face ao mistério da liberdade da ação divina, compete aos seres humanos acatá-la, sem a ousadia de exigir explicações. Deus age como quer, quando quer, em benefício de quem quer. Quem tiver a pretensão de desvendar os mistérios divinos, ver-se-á mergulhado no mistério abissal de Deus, sem qualquer possibilidade de resposta última e irrevogável. Aliás, o episódio revela um aspecto da pedagogia divina, a perpassar todo o texto bíblico: Deus está do lado do pequeno, do fraco e dos que não contam. Ao preferir o caçula – o “sopro” – e não o primogênito, queridinho da mãe, introduz uma constante de seu agir.

Caim viu-se às voltas com esse desafio e se sentiu frustrado por não poder superá-lo. A decisão inexplicável de Deus “irritou-o (*ħarah*) muito e sua face ficou caída (*nafal*)” (v. 5b). A raiva de Caim tem origem na inveja, no ciúme e na competição, consequências da ruptura do pacto de fraternidade com Abel⁵. O

4. Embora as traduções, em geral, não deixem transparecer esse pormenor, no original hebraico os vocábulos estão no feminino. “Abel nos ensina que essas fêmeas adultas de seu rebanho também produzem, e do melhor”, a ser oferecido a Deus (BALMARY, 1999, p. 312).

5. “Diante de nós, realmente, há sempre um outro que desperta em nós ciúme ou inveja. Diante de nós, há sempre alguém cuja situação – dons, privilégios, talentos, beleza, riqueza ou mesmo outras dimensões – invejamos, mais ou menos conscientemente. Todas e todos temos nosso Abel, nossos Abel que despertam em nós sentimentos de inveja. Todas e todos conhecemos outros que consideramos concorrentes, e concorrentes mais favorecidos do que nós” (WÉNIN, 2006, p. 47).

desconforto em face da decisão divina revela o quanto seu coração estava longe do irmão Abel. Era-lhe inconcebível ver-se preterido por Deus, com sua preferência pela oferta do pastor.

Se a atitude de preferência de Deus foi surpreendente, a reação de Caim o foi igualmente. Que direito tinha de reprovar a ação de Deus, considerando-a inapropriada, por não se ter agradado de sua oferta de agricultor? Por que não se sentiu feliz e realizado por ter manifestado a gratidão ao Criador, ao lhe oferecer os frutos da terra, mas, pelo contrário, se deixou levar pela tentação de querer ser o preferido de Deus? Bastaria ter prestado culto a Deus para se dar por contente. A irritação revela algo de equivocado na religião de Caim. Sua oferta escondia motivações escusas e segundas intenções. Uma religião interesseira, preocupada em “comprar” a benevolência divina, de acordo com a explicação de seu nome dada pela mãe. Deus ajudou-a a “adquirir” um homem e esse, agora, se recusava a olhar para Deus, movido por sentimentos arbitrários e sem fundamento.

O narrador omitiu-se de dizer como Caim ficou sabendo da opção de Deus pelo sacrifício de Abel. À decisão divina, segue-se a reação de Caim, sem qualquer informação intermediária. Por outro lado, o narrador não oferece qualquer pista que permita sanar tal lacuna. O leitor deverá, até o fim, permanecer com a pergunta em suspenso!

A atitude de Caim deixa Deus incomodado. Não vê motivos para que fique irado, com o rosto abatido. Como se nada soubesse, o questiona: “Por que tu estás irritado? Por que tua face está abatida (literalmente, caída)” (v. 6). Se havia oferecido o sacrifício de bom grado e com liberalidade, por que não se alegrar e viver feliz? A tristeza e o abatimento não teriam razão de ser. Algo de negativo, muito grave, lhe estava passando no coração! Era preciso verbalizá-lo, diante de Deus, para se ver livre da amargura. Deus se dispõe a dialogar com ele, mas encontra um coração duro, fechado para o diálogo. Eis por que a questão levantada por Deus fica sem resposta. Caim cozinha no coração sentimentos terríveis, sem verbalizá-los.

Deus faz um arrazoado, tocando com o dedo o “eu” ferido de Caim: “Se tu fazes o bem, por que não levantar (*nasa*’) [a cabeça]? Se tu não fazes o bem, o pecado está deitado à porta, e o impulso dele vai na tua direção e tu podes dominá-lo (*mašal*)” (v. 7). Caim está em condições de controlar o furor que se apoderara dele. Basta-lhe um ato da vontade e da liberdade, suficientemente fortes para colocarem ordem em seu interior desordenado. As palavras divinas parecem recorrer à imagem de um animal feroz, pronto para dar o bote em sua presa. Entretanto, poderá ser devidamente controlado se a vítima potencial for mais esperta e lhe fechar a bocarra⁶. Por conseguinte, o pecado (*hata*’i) causará efeitos desas-

6. “Poderá para tanto ‘domesticar’ o animal nele, tornar-se, segundo a bela palavra de P. Beauchamp, o ‘pastor de sua própria animalidade’, realizando assim, nas condições difíceis que são as suas, a vocação de todo ser humano?” (WÉNIN, 2011, p. 142).

trosos no coração de Caim, se esse o permitir. A sequência dos fatos está em suas mãos: se dominar o acesso de fúria, poderá construir laços de fraternidade com o irmão Abel; caso contrário, todo tipo de perversidade será possível. A relação com Deus, também, está na dependência dessa decisão.

A reação de Caim representa a atitude de quem fica incomodado com a liberdade alheia, mormente, quando se sente preterido nas decisões de outrem. É como procedem os invejosos e ciumentos. Caim tem a pretensão de prever os atos de Deus e se revolta ao ver sua previsão desmentida. Sem pôr em ordem as paixões desordenadas, as relações com Deus e com o próximo serão sempre problemáticas, pela impossibilidade de se apossar da liberdade alheia e determinar-lhe as decisões.

A exortação de Deus parece supor a desconfiança de que Caim está para fazer algo de muito grave e perverso. Deus quer evitar o pior, mas escolhe respeitar a liberdade do irmão malvado, cujo descaminho terá um preço muito alto. O ser humano não está fadado a ser possuído pelo mal e pelo pecado, que se avolumam em seu coração. Será sempre possível colocá-los sob o controle da razão e da liberdade. Se não o faz, não poderá escapar da responsabilidade.

4. Gn 4,8 – Ação transformadora

O fratricídio, perpetrado por Caim, é o clímax do enredo. A tradução literal do v. 8 é: “E falou Caim a Abel seu irmão e aconteceu, quando estavam no campo, Caim se levantou contra Abel seu irmão e o matou”. Duas vezes ocorre o vocábulo “irmão” para frisar a gravidade do acontecido, pelos laços que ligavam Caim a Abel. O convite para irem ao campo fica implícito, pois o verbo dizer (*'amar*) está sem objeto⁷. Abel permanece calado, sinal de não suspeitar da trama assassina contra si. Aliás, não tem motivos para duvidar das boas intenções do irmão. O narrador omite-se de apontar eventuais motivos de querela entre eles. Cabe ao leitor preencher o vazio narrativo ou deixar sem resposta a pergunta: Por que Caim, deveras, matou Abel? Seria por invejar o irmão preferido por Deus? Teria confundido a liberdade divina com arbitrariedade por parte de Deus?

O campo (*šadeh*), um espaço aberto, é o ambiente do pastor Abel. Logo, não foi convidado para um lugar estranho e, sim, para um lugar conhecido. Uma forma sagaz usada para enganá-lo! O agricultor Caim quer eliminar o irmão Abel não em meio às suas plantações e, sim, onde pastam as ovelhas de sua vítima. A morte de Abel, portanto, poderá ser comparada com a de uma ovelha indefesa.

7. “Se o narrador optou por dizer que ‘Caim disse’ sem citar em seguida suas palavras, foi sem dúvida para ressaltar o fato de que ele nada diz; nada pelo menos que valha a pena ser referido” (WÉNIN, 2011, p. 142).

Uma leitura cultural possível seria a seguinte: como Deus não aceitou a oferta dos produtos da terra e sim o sacrifício das primogênitas do rebanho, oferecido por Abel, para se vingar, Caim sacrifica Abel como se dissesse a Deus: “Você gosta de sacrifício de ovelhas, pois bem, estou lhe sacrificando uma: meu irmão, a quem você preferiu!” O fratricídio, neste caso, teria um sentido religioso de substituição da oferta de agricultor pela de pastor para ver se, dessa vez, Deus haveria de ficar contente.

Outra leitura cultural possível leva-nos a dar razão a Deus, em sua preferência pela oferta de Abel em detrimento da oferta de Caim. Esse, afinal de contas, revela-se quem é. Cultua a Deus, mas tem ódio e ressentimento no coração. O culto a Deus é incapaz de gerar fraternidade em seu íntimo, de modo a ser benevolente com o irmão. Tampouco, gera comunhão e respeito por Deus, refletidos na acolhida e aceitação dos desígnios divinos livres e insondáveis. A ausência de comunhão com o irmão somava-se à falta de comunhão com Deus. Caim, por conseguinte, era incapacitado para o culto por não ser homem de comunhão. O fratricídio corresponde, pois, a algo esperado de alguém sem conexão com Deus e com o próximo.

O gesto tresloucado de Caim pode ser explicado como vingança contra Deus. “Não podendo matar Javé, procura desesperadamente apropriar-se, pela violência, da satisfação alheia que lhe faltava” (BEIRNAERT, 1978, p. 213). Se Deus não lhe havia dado a alegria de preferir seu sacrifício, causando-lhe revolta, haveria de obter uma satisfação secreta com o assassinato do seu irmão. Ou seja, a alegria de que carecia foi obtida por um caminho tortuoso, muito distante do Deus ao qual oferecera os dons de suas lides de agricultor. O adorador rompeu com seu Deus.

Eliminado Abel, o enredo sofre uma reviravolta. Desapareceu quem oferecia sacrifícios agradáveis a Deus e permaneceu quem oferece sacrifícios desagradáveis. Foi-se o amigo de Deus; ficou o inimigo. Como se comportará Deus nessa situação paradoxal? Exterminará quem exterminou seu amigo?

5. Gn 4,9-15 – Desenlace

Deus atua como *go'el* de sangue de Abel (*go'el hadam* – Nm 35,12.19.21.24.25.27; Dt 19,6.12) e juiz de Caim, pedindo-lhe contas de seu malfeito. Entretanto, “ele não acusa Caim, não faz nenhuma censura. [...] Ele o interroga, convida-o de novo a falar. Sua pergunta é simples, tão discreta quão direta: ‘Onde está teu irmão Abel?’” (WÉNIN, 2011, p. 143-144). O fratricídio não pode ficar escondido: “A voz do sangue do teu irmão grita até mim, da terra” (v. 10b). O sangue do inocente grita por justiça, pois “sangue significa a simples vida do homem” (WOLFF, 1975, p. 88). Deus escuta e toma as providências para chamar Caim à razão e fazê-lo tomar consciência da gravidade de seu ato.

Duas perguntas são dirigidas por Deus a Caim. Ele responde a primeira e, de certa forma, é dispensado de responder a segunda pelas evidências dos fatos. A primeira – “Onde está Abel teu irmão?” (v. 9a) – recebe uma resposta inaceitável: “Não sei! Sou eu guarda (*šomer*) do meu irmão?” (v. 9b). Sim, ele era guarda de seu irmão. Por isso, estava sendo interrogado e tinha a obrigação de dar conta do irmão que era um *hebel*, um sopro, um hálito, um frágil. Caim fugia da responsabilidade fraterna, como primogênito, e se encobria com a capa de desentendido, de quem não sabe de nada! Expediente inútil, pois o sangue do justo clamava a Deus. E Deus se deixou interpelar por ele e “endossou a toga do juiz em vista de um processo”, fazendo-lhe uma “acusação formal”, como se procede em “julgamento de crime” (WÉNIN, 2011, p. 144).

A segunda pergunta – “Que fizeste?” (v. 10a) –, de certa forma, é respondida pelo próprio Deus, ao se referir ao sangue gritando (*ša‘aq*) do solo até ele, para que tome as providências e aja como *go’el*. Era impossível acobertar a realidade: Caim é um assassino! Caim é um fratricida! Caim matou o amigo de Deus, por ciúme e inveja! Caim não teve respeito por Deus, nem pelo irmão! “Onde nenhum ser humano escuta o grito da vítima, Deus o escuta. [...] Não é um crime que possa ser encoberto; o sangue derramado clama” (WESTERMANN, 2013, p. 53). A gravidade dos fatos exigia a imediata intervenção de Deus, o *go’el* de Abel, para que o fratricídio não ficasse impune.

Os v. 11 e 12 descrevem o preço a ser pago por Caim por seu crime de lesa-fraternidade, no qual Deus estava implicado. O solo (*‘adamah*) que cultivava e do qual tirava o sustento o tornaria maldito (*‘arur*), pois abrisse a boca e “tomou o sangue de teu irmão de tuas mãos” (v. 11)⁸. Criou-se, pois, um conflito entre Caim e o solo, com o qual vivia em harmonia. O sangue do irmão, de certa forma, profanara o solo e o tornara impróprio para o cultivo. De que viveria, se era agricultor? Ou seja, a decisão de matar o irmão desdobrou-se numa espécie de suicídio. O solo profanado voltou-se contra ele. “A terra de cultivo que recebeu o sangue da pessoa abatida recusa ao agricultor a colheita; ele tem de deixar a terra de cultivo e cair na miséria” (WESTERMANN, 2013, p. 53-54). Assim, Caim estava desprovido de dons para oferecer a Deus. O culto acabou para ele! Tornara-se um agricultor de mãos vazias diante de Deus. Perdera sua identidade! Um ser humano sem rosto! Quem veio ao mundo agraciado por Deus – “Adquiri um homem com Deus” (v. 1c) –, tornou-se uma espécie de sem Deus, um maldito.

A esterilidade do solo faria de Caim um fugitivo, vagando sem rumo pela terra. “Pois trabalharás a terra e ela não continuará a dar força para ti. Tu serás andarilho e sem teto (*na‘ we nad*) na terra” (v. 12). O agricultor sedentário teve, afinal, a sorte dos pastores em suas transumâncias em busca de água e pastagem

8. “Na Bíblia, ser maldito é ser marcado pela morte, levar a morte em si, ser incapaz de produzir frutos de vida. Assassinando seu irmão, Caim se tornou portador de morte, sinal de morte” (WÉNIN, 2006, p. 48).

para o rebanho, vivendo em tendas, sem uma morada fixa. A diferença é que o nomadismo do pastor acontece em função de uma profissão, da qual tira o sustento. O destino de Caim, pelo contrário, será viver ao léu, sem eira nem beira, numa vida insensata, sem profissão e sem meios de subsistência. Uma espécie de mendigo? Triste sorte de quem não soube colocar ordem em suas paixões, a ponto de tirar a vida do próprio irmão, que nenhum mal lhe fizera. A expressão “andarilho e sem teto”, de fato, “se refere a uma existência acossada e perseguida, e não à forma de vida dos nômades” (WESTERMANN, 2013, p. 54). Porém, a narração trabalha com a ideia de nomadismo (Abel) e sedentarismo (Caim). Nesse caso, vagar sem destino certo corresponde à realidade nomádica que faz o agricultor Caim assemelhar-se ao pastor Abel, embora o leitor se dê conta da diferença entre a sorte de Caim e a vida dos nômades. Caim não é andarilho por profissão, mas como resultado da incapacidade de viver em comunhão com Deus e com o irmão Abel. Assim, se tornou o pai dos desenraizados da humanidade, dos desqualificados para a solidariedade com os semelhantes.

Os v. 13-15 contêm um diálogo entre Caim e Deus. Dessa vez, Caim toma a iniciativa, ao se dar conta das consequências de seu ato tresloucado. A culpa que lhe caíra sobre os ombros era demasiado grande (*'avonî gadol*) para ser suportada (*nasa'*) (v. 13)⁹. Tarde demais! A exortação de Deus encontrou ouvido de mercador (v. 7). É impossível fazer a história retroceder. Só lhe resta pagar, até o último centavo, o preço de sua opção fratricida.

Agora, sim, Caim se torna capaz de raciocinar e ponderar as reais dimensões do que está para lhe acontecer, quando Deus aplicar-lhe a sanção: “Se me expulsas hoje da face da terra...” Expulso da “face da terra” (*pnê ha'adamah*), o filho de *Adam* ficará sem terra. Triste sina para um agricultor. “Andarilho e sem teto”, tornar-se ia um vagabundo, com um agravante: corria o risco de ser assassinado (*harag*) por todos (*kol*) que o encontrassem (v. 14)¹⁰. Fica ao leitor a questão de quem são os “todos”.

A vida de Caim seria tratada com igual banalidade com que tratara a do irmão Abel. O fratricídio como que abriu a caixa de pandora donde sairia violência, vingança e morte. Ao menosprezar a vida do irmão, Caim deu espaço para o menosprezo de sua vida. Quem o encontrasse, tratá-lo-ia com a mesma violência empregada contra o irmão. O invejoso e ciumento Caim, afinal, tornou-se medroso. Sua arrogância prevaleceu sobre o fraco e indefeso Abel. No confronto com os violentos e assassinos, sua fúria assassina diluía-se, para torná-lo um ser fragilizado, acossado pelo temor da morte violenta. Um Abel!

Estamos diante do personagem Caim inteiramente fragilizado, muito diferente do Caim do início da narração. As consequências da sanha fratricida leva-

9. “A palavra hebraica *'avon* pode significar pecado e punição ao mesmo tempo” (WESTERMANN, 2013, p. 54).

10. “A morte daquele que eu excludo para ocupar todo o espaço é também a minha morte, porque, sem o outro, quem sou eu? [...] Sua alteridade pode ser reencontrada como uma chance” (WÉNIN, 2006, p. 49).

ram-no a se dar conta de suas reais dimensões. Revelaram-lhe a intimidade – a verdadeira identidade? –, onde se escondia um ser humano tão frágil quanto Abel e tão passível de ser eliminado quanto o irmão. Se a exortação divina foi insuficiente para chamá-lo à razão, a dura experiência de vida cuidou de colocá-lo nos eixos. Porém, com menos possibilidades que no começo da narração, quando era agricultor e podia oferecer a Deus os frutos de seu trabalho. Sua vida sofrera uma reviravolta, que o tirou dos eixos – ou o colocou nos eixos? – e exigiu dele pensar a realidade com outros olhos. Não mais como quem julga ter o direito de vida ou morte sobre o semelhante, como se fora Deus, mas como quem deve defender a própria vida, com unhas e dentes, para não lhe ser tirada. Quiçá, agora, Caim aprendeu a valorizar sua vida e a vida dos semelhantes, como dom de Deus a ser protegido e preservado.

As palavras de Caim soam como uma confissão dos pecados e um pedido de perdão a Deus, o senhor da vida. Esse poderia ser o motivo pelo qual Deus se torna, também, protetor do fratricida Caim, prometendo ser rigoroso com quem levantasse a mão contra ele. “Todo que matar Caim, sete vezes será vingado (*šib ‘atim yuqam*)” (v. 15a). O passivo “será vingado” tem Deus como agente. Ele será o vingador de Caim! E, mais, Deus o marcou com um sinal (*’ot*), de modo que todos que o encontrassem não o matassem. Era como se Deus o blindasse para não ser vitimado pela mesma maldade com que vitimara o irmão Abel. Sua vida, portanto, estava posta a salvo, por obra e graça do mesmo Deus que rejeitara sua oferta, preferindo a Abel.

O v. 15 revela um traço importante da identidade de Deus. A recusa da oferta de Caim nada tinha a ver com a rejeição dele. Ao longo da narração, Deus, o personagem principal do enredo, mostra-se preocupado com Caim, mantendo-o no âmbito de suas preocupações. Percebe-o com o rosto triste e abatido (v. 6) e o interpela, orientando-o como se comportar em situações como aquela, em que o pecado está de pé, à sua porta, qual animal feroz, pronto para dar o bote. É sempre possível dominá-lo! Caim não está para transgredir, simplesmente, uma lei moral. Sua falta grave consiste na ruptura com Deus e com o irmão, com um homicídio premeditado e cruel. Quando perpetra o horrendo fratricídio, Deus o questiona e o chama à razão. O castigo, todavia, não provém de Deus, mas da terra profanada pelo sangue inocente derramado sobre ela, a ponto de torná-la estéril e imprestável para a agricultura. Quando Caim se reconhece culpado e se dá conta da incapacidade de pagar o preço do seu erro, Deus não o deixa entregue à própria sorte. Antes, o tem sob os olhos e lhe promete vingá-lo sete vezes, na eventualidade de alguém levantar a mão contra ele.

Tais elementos da ação de Deus revelam que a maldade de Caim, apesar de suas dimensões, não determinou o modo de agir de Deus, no sentido de torná-lo vingativo, com a mesma fúria assassina de Caim. Assim como esteve na origem da vida de Caim, como dissera Eva (v. 1), estaria com ele, ao longo de toda sua existência, embora tivesse motivos para rejeitá-lo e expulsá-lo de sua presença.

Certamente, a vida de Caim, doravante, não será mais como a de antes. Entretanto, jamais terá Deus contra si, para tornar-lhe a vida mais dura e atribulada. Pelo contrário, Deus lhe protegerá os passos e será seu *go'el*, como o fora de Abel.

6. Gn 4,16 – Situação final

A afirmação conclusiva tem um quê de contraditória (v. 16). Se Caim saiu da presença (*milifné*) de Deus, como seria possível gozar da proteção divina, caso sofresse violência e morte, como fora dito no v. 15? Aqui se supõe que Caim esteja, sempre, na presença de Deus, nas suas muitas andanças de andarilho sem rumo, por lhe faltarem o chão da comunhão e da solidariedade.

Ele que era um sem-teto (v. 12 – *nad*) foi habitar “na terra de Nod”. As duas palavras têm a mesma raiz. Seria a terra dos sem-teto e dos andarilhos e sem-teto como Caim? Seria um lugar simbólico, onde encontraria seus pares, pessoas que, como ele, deram um passo em falso na vida e se viram confrontadas com o resultado de seu malfeito? Seria o espaço do arrependimento e da conversão, com a possibilidade de abraçar um estilo de vida como mais qualidade humana, sem o risco de ser levado pelas paixões desordenadas, donde provém toda sorte de desatino, em prejuízo dos irmãos e da sociedade?

Uma suspeita: se Nod é a terra dos andarilhos, poderia ser um lugar de encontro dos pastores, como Abel, assassinado pelo irmão Caim? Nesse caso, o ex-agricultor Caim estaria fadado a encontrar um sem-número de pastores andarilhos, como seu irmão Abel. Eliminou um Abel e se viu obrigado a viver com muitos Abéis.

Se Caim não vive na presença de Deus, não tem chance de prestar culto a Deus na terra de Nod. A expressão “deve ser entendida assim: lá fora, longe de Deus” (WESTERMANN, 2013, p. 55). A localização “a leste do Éden” (*qidmat-‘eden*) pode, pois, assumir uma conotação simbólica, importante para a narração.

7. Leitura semântica com foco na ação cultural

O episódio de Caim e Abel abre espaço para uma série de reflexões em torno do tema do culto na Bíblia.

- a. Existem cultos agradáveis e cultos desagradáveis a Deus. Engana-se quem pensa bastar a pura ação cultural, para ser acolhida por Deus ou que Deus aceita qualquer culto. Da parte de Deus, existe uma preocupação com a qualidade do culto. A exterioridade do gesto cultural está fora de suas preocupações. Essas se centram não tanto no que lhe é oferecido – frutos da terra, primogênitos ou gordura de animais –, mas em quem oferece e suas disposições interiores. Em última análise, o ofertante se oferece a

si mesmo. A atenção de Deus volta-se toda para a pessoa e não para sua oferta. Está interessado em que o cultuante se entregue, inteiramente, em suas mãos, com disponibilidade e generosidade. Quando isso acontece, o culto lhe é agradável; caso contrário, será abominável.

- b. Por que Deus rejeitou a oferta de Caim e acolheu a de Abel? O conjunto da narração permite esboçar a identidade de Caim como alguém incapaz de se abrir para a fraternidade. A insistência nesse tema é evidente nas sete repetições do vocábulo irmão (*'ah*). O fratricídio foi o extremo da falta de fraternidade, num coração invejoso, ciumento e cheio de rancor. A falta de fraternidade impossibilita a relação com Deus. Por conseguinte, não foi Deus quem rejeitou a oferta de Caim e, sim, ele mesmo a tornou desagradável, ao fazê-la com o coração fechado para Abel. “A rivalidade assassina agravou a diferente apreciação divina das oferendas” (GIBERT, 2002, p. 31). Caso contrário, teria se conformado com a postura divina sem permitir que o ódio contaminasse seu coração. Ficaria feliz por ver a oferta do irmão ser mais agradável a Deus que a sua.
- c. Uma leitura possível seria tomar a decisão divina como uma forma de provação para Caim. O filho preferido de Eva viu-se às voltas com um “teste de personalidade”. Seria capaz de superar a inveja? Teria suficiente maturidade para colocar ordem nas paixões desordenadas, fonte de toda sorte de crueldade? Saberria respeitar as opções alheias, sem cair na tentação da revolta ao se ver preterido em favor de outrem? Estaria preparado para uma vida ética de padrão elevado, cuja manifestação maior seria o cuidado com o irmão fragilizado? O leitor defronta-se com um Caim reprovado, por não ter sido capaz de “domar” a si mesmo e às suas paixões. Personalidades indomadas e selvagens são desqualificadas pelo culto, pois o caminho para o culto passa pelo teste da vida. A reprovação na convivência com o semelhante significa reprovação para a convivência com Deus, no culto.
- d. Quem rompe com o irmão, por consequência, rompe também com Deus. A quebra do pacto de fraternidade tornou Caim inapto para o culto. O tripé Deus – eu – meu próximo está na base de qualquer culto verdadeiro. O caminho para Deus acontece *in obliquo*; jamais, será *in recto*, pois o caminho para Deus passa pelo irmão e pela irmã. O deus buscado sem a mediação do irmão e da irmã poderá se tornar uma espécie de ídolo, incapaz de apontar ao adorador e à adoradora o caminho do amor, da solidariedade e da misericórdia. Em outras palavras, confirmá-los-á em seu egoísmo desumanizador, quando não assassino. Uma religião assim não merece ser chamada religião, por se centrar numa divindade sem coração, feita à imagem e semelhança de quem a cultua. O culto verdadeiro, portanto, supõe e exige comunhão com o próximo a ser desdobrada na comunhão com Deus.

- e. A experiência de Caim chama a atenção para um fato interessante. A quebra do pacto de fraternidade tirou-lhe a paz interior; tornou-o “ex-cêntrico”, fora de seu centro. Tornou-o um indivíduo obsessivo por punir Abel por motivos que o irmão desconhecia. Afinal, a decisão divina de rejeitar sua oferta e preferir a de Abel foi da inteira responsabilidade de Deus. Em momento algum, esteve no poder de Abel influenciar o agir divino livre e soberano. Assim, Deus saiu do âmbito da atenção de Caim, que não terá mais tempo para lhe fazer as ofertas. A expulsão do Jardim do Éden jogou-o numa vida de andarilho errante, carregado de medo, inapto para o culto, todo preocupado em proteger sua vida da violência alheia, exposto que estava a ser assassinado, do mesmo modo que havia assassinado Abel. Só quem tem paz interior está qualificado para o culto agradável a Deus. E a paz interior se atinge na comunhão fraterna e solidária com o próximo, expressa no cuidado e não atenção com o outro. Assim, existe clima para se cultuar a Deus, pois, ao ser questionado: “Onde está teu irmão?”, dará uma resposta satisfatória.
- f. A preterição da oferta de Caim, de forma alguma, significa, da parte de Deus, ruptura com ele. Deus permanece atento a seu adorador equivocando; penetra-lhe os pensamentos e se dá conta de suas intenções. E o adverte do perigo de dar largas aos sentimentos malignos e da possibilidade de refreá-los. Apesar da ruptura, Deus não o deixa entregue à própria sorte, exposto a ser assassinado. Pelo contrário, assume a postura de defensor. A teologia de fundo fala de um Deus sempre interessado por seus adoradores, sejam eles quais forem. O culto desagradável não significa, da parte de Deus, desinteresse e desatenção quanto a seus adoradores. Fica aberta a possibilidade da mudança de atitude – conversão – que gere uma postura diferente em relação a Deus e ao próximo, sem ciúmes nem inveja. Conversão que leve a respeitar a liberdade de Deus, em seu relacionamento com os seres humanos. Conversão que afaste a tentação de pretender determinar o agir divino, colocando-o nos estreitos limites dos esquemas humanos. Conversão expressa como fraternidade verdadeira, sem o perigo de ser maculada pelas paixões cegas.
- g. O verdadeiro cultuador de Deus põe ordem em seus instintos malignos. Aliás, as paixões desordenadas são um empecilho para se chegar a Deus. O culto agradável a Deus brota de corações puros, sem a contaminação do ódio e da violência¹¹. Quando Deus alerta Caim, em relação à possibilidade de controlar seus impulsos, aponta-lhe o caminho incontornável

11. “O antídoto para a inveja, o caminho para dominá-la, é aprender a se regozijar com a felicidade dos outros, é sentir alegria com a felicidade deles e, dessa forma, partilhar. Caim recusa-se a entrar nessa dinâmica; deixa a inveja dominá-lo e elimina Abel, cuja felicidade lhe era insuportável” (WÉNIN, 2006, p. 48). Os invejosos são inaptos para prestar culto a Deus!

para chegar até ele. A vida de andarilho sem rumo poderia ser, para Caim, uma chance de repensar a vida e tomar a estrada de volta para a comunhão com Deus e com os irmãos, em novas bases. Agora sem o perigo da inveja e do ciúme, por ter sofrido na pele as consequências de seu equívoco, cujo desfecho dramático foi o assassinato do irmão. Depois de vagar por muitas terras, quiçá, estivesse em condições de se tornar verdadeiro adorador de Deus, reconhecendo a inutilidade de nutrir no coração sentimentos de ódio para com o irmão. Isso só seria possível por uma mudança radical do coração, para se conformar com o coração de Deus.

- h. Abel pode ser considerado símbolo das vítimas indefesas da maldade dos falsos adoradores de Deus, como foi o caso de Caim. Assassinos de Abel são os que vivem uma espécie de esquizofrenia em sua vida de fé: as mesmas mãos que se levantam para fazer ofertas a Deus se erguem para eliminar o próximo. São os incapazes de desdobrar o trato com Deus em trato fraterno com o próximo, para protegê-lo e tomar suas dores. Antes, nenhum escrúpulo tem de eliminá-lo, sem se dar conta da contradição existente entre o fratricídio e a amizade com Deus.

Os Abéis de todos os tempos são as vítimas impotentes, em face à maldade dos falsos religiosos e da religião equivocada. Em outras palavras, da religião incapaz de criar laços autênticos entre Deus e seus adoradores. A morte dos Abéis, portanto, tem um peso particular, por não ser perpetrada pelo simples malvado e, sim, pelo malvado travestido com a capa da piedade. Autênticos lobos em pele de ovelha, como denunciou Jesus (cf. Mt 7,15).

- i. Caim, por sua vez, torna-se símbolo dos falsos adoradores de Deus, incapazes de perceber a correlação entre o amor a Deus e o amor ao próximo. Ou então, o desdobramento necessário do amor a Deus como amor ao próximo. E, assim, a urgência de passar do culto à caridade, da oferta a Deus dos frutos de seu trabalho à oferta de si mesmos ao semelhante, das mãos elevadas para cultuar, às mãos estendidas para socorrer o irmão. O mal cometido por um malvado pode ser explicado. Que esperar do malvado, senão a maldade? Inexplicável e de gravidade incomensurável é o mal cometido por quem se proclama detentor da fé e adorador de Deus e se entrega à prática do culto, respeitando-lhe todas as rubricas e normas litúrgicas. A falsidade do culto se deve ao fato de ser de mão única – volta-se apenas para Deus –, quando o culto verdadeiro é de mão dupla, ou melhor, acontece em forma circular, indo de Deus ao próximo e do próximo a Deus, num movimento incessante. A ruptura desse movimento invalida o culto, tornando-o insensato e inútil. Essa é a situação dos Cains de todos os tempos!
- j. O Deus verdadeiro confronta, continuamente, seus adoradores com a questão: “Onde está teu irmão?” Quem, como Caim, responde: “Não sei!

Sou eu guarda do meu irmão?”, está incapacitado para o culto. Pelo contrário, só quem se solidariza com o próximo e se sente responsável por ele está apto para fazer ofertas agradáveis a Deus. O próximo, frágil como Abel, um sopro, uma respiração, torna-se o mais merecedor de atenção e de cuidado. O verdadeiro cultuador de Deus, portanto, apressa-se em responder: “Sim, eu sei onde está meu irmão?” E saberá partilhar com Deus suas dores e sofrimentos e se colocará nas mãos de Deus para fazer o bem ao necessitado, ao pobre, ao desamparado, ao carente de misericórdia, para lhe reconstruir a dignidade de filho e de filha de Deus. Assim como o cultuador autêntico sabe onde encontrar Deus, sabe também onde encontrar o próximo. E ao servi-lo terá a consciência de estar realizando o supremo culto agradável a Deus: o culto da caridade e da misericórdia!

Conclusão

O episódio de Caim e Abel esconde, em suas entrelinhas, uma rica catequese para os discípulos e as discípulas de Jesus, por colocar em estreita relação o culto a Deus e a responsabilidade pelos irmãos e pelas irmãs. Aliás, para Jesus, o culto autêntico a Deus acontece na prática da misericórdia. A dupla repetição de Os 6,6 – “Quero misericórdia e não sacrifícios” –, posto na boca de Jesus, em Mt 9,13 e 12,7, sublinha a superioridade da misericórdia em comparação aos sacrifícios rituais. Mt 5,23-26 refere-se à reconciliação com o irmão como pré-requisito para o culto. Mt 25,31-46 fala da compaixão com o faminto, o sedento, o forasteiro, o despojado, os doentes e os encarcerados como caminho de salvação. A caridade, portanto, torna-se o culto deveras agradável a Deus!

Existem discípulos de Jesus que se comportam como Caim. Existem discípulos de Jesus que têm a sorte de Abel. Portanto, Caim e Abel servem de paradigma para o discernimento do discipulado cristão no tocante ao compromisso com o Reino e ao modo de prestar culto a Deus. O Deus que perguntou a Caim – “Onde está teu irmão?” – continua a questionar os discípulos e as discípulas de Jesus. Qual será nossa resposta de homens e de mulheres de fé, desejosos de cultuar Deus de todo o coração?

Bibliografia

- BALMARY, M. *Abel ou La traversée de l'Eden*. Paris: Bernard Grasset, 1999.
- BEIRNAERT, L. La violencia homicida. La historia de Cain y Abel. *Selecciones de Teologia*, v. 17, p. 211-216, 197.
- GIBERT, P. *L'espérance de Cain – La Bible et la violence*. Paris: Bayard, 2002.
- HICKS, L. Cain, in *The Interpreter's Dictionary of the Bible* – vol. 1. Nashville: Abingdon Press, 1982, p. 482.

KRAMER, P.; DIAS, A.F. Caim e Abel – O difícil caminho da fraternidade. *Revista Literarius*, v. 13, p. 28-63, 2014.

MARGUERAT, D.; BOURQUIN, Y. *Para ler as narrativas bíblicas*. Iniciação à análise narrativa. São Paulo: Loyola, 2009.

WÉNIN, A. *De Adão a Abraão ou as errâncias do humano*. Leitura de Gênesis 1,1– 12,4. São Paulo: Loyola, 2011.

_____. *O Homem Bíblico*. Leituras do Primeiro Testamento. São Paulo: Loyola, 2006.

WESTERMANN, C. *O livro do Gênesis*. Um comentário exegético-teológico. São Leopoldo: Sinodal-EST, 2013.

WOLFF, H.W. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1975.

Jaldemir Vitório
Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127 – Planalto
31.720-300 Belo Horizonte, MG
E-mail: jvitoriosj@faculdadejesuita.edu.br